



Paulo Silva Cerqueira

Esse é o terceiro livro do autor.
O primeiro foi
Poesia para o seu dia a dia - 1993.
Depois veio o segundo, Lábios de Mel - 1998
Com expressiva tiragem e edições
distribuídas para a Bahia e norte de Minas Gerais.
Paulo, tem sido um autor eclético e com
participações em diversos segmentos
da área cultural regional.
Escreveu peça para teatro, promoveu
recitais com poetas locais.
Na pintura, promoveu sua primeira exposição
individual no salão paroquial em 1991.
Participou de duas exposições de artes coletivas
realizadas pela secretaria de cultura / Guanambi-BA
Na área de designer gráfico, criou várias
logomarcas para empresas locais e regionais.
Na área de programação, atua e desenvolve
aplicativos e softwares para o setor comercial
e logístico.
É especialista em Corel Draw Avançado,
designer gráfico e letras.

A Coragem de Parafuso pelo amor de Rosabela - Edição 2021 - Paulo Cerqueira

PAULO CERQUEIRA

A Coragem de Parafuso pelo amor de Rosabela



Literatura de Cordel
Edição especial- 2021



**1ª Parte - Bahia - Povoado do
Espigão, 1889 - República velha.**

FICHA TÉCNICA:

Autor: Paulo Cerqueira
Publicação: Paulonet Multimídia
Revisão: Clarice Monteiro Silva
Capa: Paulo Cerqueira
Diagramação: Paulo Cerqueira
Versão e-book: Paulo Cerqueira
Ano: 2021



Tiragem desta edição
10 mil exemplares.



Palavras do autor

Eu me lembro, quando era criança.
Às vezes ia à roça e lia cordéis
às pessoas; sobretudo, as mais velhas
que tinham pouca leitura... ou até enxergavam pouco.
Enfim, escrever um cordel, ao estilo de grandes
autores, tais, como João Martins de Athayde, Cego Aderaldo,
Apolônio Alves dos Santos, Leandro Gomes de Barros...
Reitero que este, foi sempre um grande desejo pessoal,
e abracei este desafio com a coragem, a determinação
e o conforto de mais uma missão cumprida.

Boa leitura!



PAULO CERQUEIRA

A Coragem de Parafuso pelo amor de Rosabela

Esta é uma história de ficção criada
com base na imaginação do autor.
Quaisquer semelhanças com fatos reais,
ou pessoas; teria sido por mera coincidência.



Direitos Autorais Reservados. Copyright © - Paulo Cerqueira, 2021
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
sem que haja antes, autorização expressa do autor.
Sob pena processual no que tange
o artigo 7º da Lei 9610/98: que protege a propriedade intelectual.

Estrutura das estrofes:
Sextilha / Septilha

Literatura de Cordel
Edição especial- 2021

Também foi o coronel
E Anastácia, sua senhora,
Mais os sete mancebões
Que o sono marcava hora;
O amanhecer traria ações
E o capítulo de uma nova história.

No amanhecer do dia Seguinte
O sol nem bem tinha surgido,
Os Boias-frias iam ao batente
Como foi comprometido,
Logo o sol ficava ardente
Com um dia bem sofrido.

Ao final, juntava-se as tralhas
E todo o algodão colhido,
O capataz fazia as contas
Do trabalho merecido,
E passava ao coronel
Pra pagar o favorecido.

Mas os dias se passavam
E o pagamento não saía,
Da labuta no algodão
Já se contavam sessenta dias,
E os peões desanimados
Em desespero deprimiam.

Porém o coronel prometeu pagar
Só depois de uma procissão,
Que ocorreria no povoado
Sob as graças do padre João,
As beatas seriam ordenadas
Por madre Maria do Tabacão.

Prólogo

Leitores prestem atenção
Uma história eu vou contar...
Acontecida um certo tempo
Nos cafundós de um lugar;
Foi lá pras bandas do sertão
Que este conto fui buscar.

Vamos então voltar no tempo
Dos dias áureos do algodão.
Tudo começa num povoado
Que se chamava Espigão...
Ali perto, vivia um coronel
Que parecia ter parte com cão.

Anizão era o seu nome,
Era o mais rico fazendeiro
Tinha terra a perder de vista
E nos bancos muito dinheiro,
Algodão e boi mais que capim
E mil galinhas no terreiro.

Esse coronel vivia no luxo
E morava mais a família,
Era um casarão bem grande
Dentro uma nobre mobília,
Sua esposa era Anastácia,
Rosabela era a sua filha.

Ainda havia sete filhos,
Todos bem avantajados.
O primeiro chamava-se Catatau
Que tinha um olho furado;
O segundo atendia de Menelau,
O terceiro, Quinca Cajado.

O quarto chamava-se Abdias,
O quinto José Caburé;
O sexto Tõe das ovelas,
O sétimo era Buscapé.
Um oitavo já falecido
Sepultado em Caetité.

Pois assim formava a família
Que vivia no casarão,
De uma légua do povoado
Sob o poder de Anizão,
Era o mais forte dos coronéis
Que mandava na região.
Porém ali, certo dia chegou
Vindo lá do Caga-sebo;
Uma turma de boias-frias
À procura de emprego,
O capataz se adiantou:
- Pode chegar que tem arrego!

Vou lá chamar o coroné
Que é quem pode ajeitar...
Cá só faço cumprir ordens
Todas que o coroné mandar;
Dando tudo certinho
Ele há de autorizar.

Quando o coronel chegou
Avistou para o terreiro.
Disse: - em fila negriada!
Se querem ganhar dinheiro,
Nas minhas terras têm serviço
Que penduram o ano inteiro.

Capataz acomode essa gente
Providencie água e comida,
Distribua as ferramentas
Que amanhã é dura a lida,
A minha flor de algodão
Agora prestes a ser colhida.

Assim fez o capataz, tudo
Que o coronel mandou,
Depois foi jantar com o coronel
E o dito perguntou:
- O que achou da negriada?
O capataz logo falou:

- Não se é lá grande coisa...
Mas aguenta o tranco no algodão;
O que não prestar mandamos embora,
Ou limpar as privadas do casarão.
Vi umas raparigas novas
Que serve pra trazer água do ribeirão.

Terminando aquele jantar
Houve então o recolhimento,
Já era hora de dormir
Cada qual foi para o aposento,
Rosabela pôs uma toca
Estava um tempo bem friento.

- Meu pai, eu não tive culpa!
Ela logo foi falando:
- Assim que ergui os olhos
O moço veio me entregando,
A mais linda flor da roseira
A qual fiquei admirando.

- Não era pra admirar nada!!!...
Bravo, o coronel gritou...
Sua voz ressoou aos cantos
Que a tudo se calou.
Rosabela ficou muda,
O coronel a mais ditou:

- Há de ter o que merece,
Vou trancá-la de castigo.
Por trinta dias não verá nada
E nem vai falar comigo,
Depois te mando ao convento
Será o teu eterno abrigo!

O coronel terminando
O quarto trancafiou,
Rosabela muito triste
Na cama então deitou,
Com a visão do negrinho
Ela então logo chorou.

Parafuso, naquele momento
Estava com o grupo no barracão,
Estava a contar vantagem
Era o centro da atenção.
Hoje conheci uma princesa
Que flechou meu coração!

Passou-se mais quinze dias
Até o dito dia da procissão,
O povoado estava em festa
A farra era grande no espigão,
O povo vivia em romaria
Era uma sexta da paixão.

O coronel então se ajeitou
E estava pronto a família,
Adentrou a um chevrolet
E seguiu por uma trilha...
Atrás vinha os sete filhos
Montado em quartos de milhas.

Os peões da fazenda também
Estavam livres, naquele feriado;
Podiam seguir aos festejos
Pelo coronel autorizados,
Dentre eles havia um negrinho
Que por todos era admirado.

Seu nome era Parafuso
E dispensava apresentação,
Veio com o grupo do Caga-sebo
Trabalhar no algodão,
Parafuso tocava viola,
Na capoeira era perfeição.

Parafuso tomou um banho
E a viola ele ensacou...
Lambeu de banha os cabelos
E então se perfumou;
Selou um cavalo malhado
E para o Espigão galopou.

Chegando ganhou o olhar das moças
Mas ele firme cruzou à praça,
Ao lado viu o coronel
Sentado com a sua raça,
À frente vinha a procissão
Muito enfeitada, cheia de graça.

Desmontou então do cavalo
E a viola desensacou,
Cruzou um olhar com Rosabela
Mas ela tímida desviou,
O negro tacou o dedo nas cordas
E uma moda de viola tocou.

E assim seguiu o cortejo
Alegrando a procissão,
Sob o olhar do coronel
Que ficou pasmo então,
Logo o padre finalizou
Com eterna gratidão.

Parafuso, de um roseiro
Colheu a mais linda flor,
Dirigiu-se à Rosabela
Com seu respeito e pudor.
Foi dizendo 'é pra você...
Aceite-a por favor!'

Rosabela aceitou
E lhe fitou em sorrisos,
Parafuso ficou alegrado
Voando ao paraíso,
O Padre olhou de longe
Já temendo o reboliço.

O coronel ficou foi pasmo
A estranhar a situação,
Um dos filhos tomou as dores
E engatilhou o três oitão,
Anastácia disse ao marido:
- Olha o respeito cá procissão!

Que até já havia acabado
Mas o coronel recuou...
Foi muita audácia do negrinho
Não sei de onde chegou;
O capataz veio dizendo
Que o negrinho marrento
O senhor mesmo contratou.

Pois veio lá do Caga-sebo
Esse negrinho atrevido
Lá é terra de cabra ousado,
Maloqueiro e enxerido.
O coronel lhe respondeu:
- Sendo assim deixa comigo!

Pois não criei filha moça
Para com pobre se casar,
Esse negrinho marrudo
Em meu terreiro não vai ciscar;
Dois galos em um só poleiro
Não dá nada há que prestar.

Ao findar daquele dia
Esvaziou-se o espigão,
O coronel, chegando em casa
Foi cobrar satisfação,
De sua filha Rosabela
Qual lhe tem adoração.

2ª Parte – A apresentação das contas.

O capataz vai ao barracão
Sob as ordens do coronel,
Os peões já o esperavam
O capataz tirou um papel,
E começou a fazer contas
Que amargou feito um fel.

Era uma conta maliciosa
Que não dava pra entender,
Os peões queriam dinheiro
Mas pouco havia a receber;
Havia mais dívidas a pagar
E mais trabalho a fazer.

Então é essa a soma...
Já incluindo o armazém.
Faça as filas cada um
Pra receber cada vintém,
Depois pegue as ferramentas
Que o coronel vai ficar bem.

Mas Parafuso, ali perto
Ficou meio desanimado,
Tomou as dores do grupo
Todo meio encabulado,
E bradou ao capataz,
O negro ficou irado:

- E quem é essa princesa?
Perguntou um dos presentes:
- É a filha do coronel!
Parafuso disse contente;
Logo ouviu-se uma gargalhada
Que estremeceu todo ambiente.

Na onde que a filha
Mimada de um coronel
Vai querer um sarnento,
Põe no saco tua viola
Tu não tens desprendimentos,
Arrume uma da tua laia,
Falou um velho perebento.

O senhor tá certo vovô!
Não vim aqui pra sonhar;
Viemos pelo sustento
Cá estamos a trabalhar.
O coronel prometeu acerto
Amanhã cedo eu vou cobrar.

No outro dia cedinho
Peão algum foi trabalhar,
Parafuso foi ao casarão
Com o coronel encontrar,
Catatau estava à espreita
E ao pai foi comunicar.

Pai, o negrinho tá na varanda!
E quer ter dois dedos de prosa.
O coronel esmurrou a mesa:
- Maldito negro que insultou Rosa!
Ainda me vem por aqui,
Assim abro a sua cova.

Todavia foi, o coronel
Até onde Parafuso estava...
Seguiu junto o capataz
E Catatau que acompanhava;
Chegando o coronel indagou:
- Há que veio à minha casa?

Parafuso também foi direto
E falou sem travas na voz:
- Cá venho cobrar o pagamento
Que o senhor prometeu a nós...
São dois meses sem receber
O senhor tá sendo algoz.

- Esse é um assunto sério.
Argumentou o coronel:
- Vou cumprir o prometido
Juro por deus que tá no céu,
Vou calcular umas contas
E mando tudo num papel.

Parafuso balançou a cabeça
Em sinal de concordância:
- Fico grato coroné! vou ao
Meu povo levar esperança;
Nem bem há o que comer
Só farinha, osso e pelanca.

Parafuso deixava o recinto
Quando um jagunço abordou:
- Não se avexe meu rapaz,
O coronel ainda não acabou!...
Por último citou a filha,
Um recado não poupou:

- Não se aproxime da minha filha
Para que não haja confusão,
Já é prometida em casamento
Para o filho de um barão,
Ou então para o convento
Seguir a dita da religião.

Parafuso ouvindo tudo
Por sua vez veio falar...
Olhou para o coronel
E disse há que veio buscar:
- Só estou aqui pelo trabalho
Há que o senhor tem de pagar.

Quanto a sua honrosa filha
Não carece aborrecimento.
Case a moça a quem quiser,
Ou até mande pro convento,
Só lhe ofereci uma flor
E foi com o seu consentimento.

Sou preto, mas sou honrado,
Honesto e trabalhador;
Sei que rica não casa com pobre
E só se casa com doutor.
Hei de esperar minha escolhida
Com a graça de nosso senhor.